AUTORES.COM.BR

andrepomponet

Literatura - Contos Postado em Jul 26, 2018

A espera

Perto, ficava a Estação Rodoviária. Esporadicamente, magotes de passageiros desciam a rampa calçada e despareciam com suas malas e valises. À noite, a luz mortiça projetava sombras densas nos semblantes que trafegavam por ali. Taxistas abordavam os viajantes, ofereciam corridas.

Lá adiante havia a BR, que cortava o perímetro urbano. Ônibus, carretas, utilitários, automóveis, vans e incontáveis motocicletas passavam, velozes. Viam-na pela rua paralela. Daí os veículos vistos de relance. Quando escurecia a luz alaranjada dos postes se refletia, num átimo, sobre os capôs.

E eles ali.

A cerveja ia pela metade, esquentava nos copos americanos. Restos de linguiça, salada vinagrete e farofa descansavam nos pratos, entre os talheres.

- Esfriou um pouco. Mas estava quente de tarde – comentou o negro calvo.

Não obteve resposta. No restaurante havia prateleiras de vidro com amplo estoque de bebidas. A cachaça variada do sertão, do norte de Minas; vinho barato, intragável, conhaques populares; a vodca e o gim que invocavam terras geladas nos trópicos tórridos. Muito uísque, mesmo o barato, porque aquilo agradava a freguesia. Dava sensação de fartura, de riqueza.

Canções se sucediam, estridentes. Forrós antigos. Alusões ao sertão agreste, que ficava mais acima, ao norte. O de barba ruiva, rala, de cabelo rente, acariciou o rosto com um gesto amplo. Filosofou:

- Só lembro de Marlene. Lá de Peritoró. Cantava muito isso. Peritoró, lá no Maranhão – explicou e invocou, com o olhar perdido, dias distantes. Garçons, trajando camisetas, iam e vinham, com espetos fornidos com carne, frango, linguiça, porco, bode.

A fumaça gordurosa dos fogareiros subia, ganhava a noite de estrelas pálidas. A luz citadina embaçava as estrelas.

- É chão aquela BR 316 – comentou o negro, abrindo muito os olhos para reforçar o comentário. Vestiam blusões jeans, surrados.

valise junto ao sapato preto, lustroso. O gesto discreto mobilizou o garçom.

- Um conhaque. Pediu e bebeu com prazer. Depois se informou sobre refeição. Escolheu, sem entusiasmo, o prato feito de frango na brasa. Decidiu encarar uma cerveja. Discretos, examinavam o recém-chegado.

Era ele.

Fortaleceram a convicção quando o sujeito ficou distraído, examinando a cobertura de zinco na calçada do bar.

O ruivo, concupiscente, examinava a valise. Colheu um olhar de reprovação do parceiro. Distraiu-se por instantes examinando as prostitutas que se ofereciam ali perto. O visitante esvaziou o prato com garfadas vorazes. Restou a carcaça pálida do frango.

A cerveja já ia pela metade. Foi logo pedindo a conta, da carteira nova e bojuda saltou uma cédula de cem. Prudente, enfiou o troco no bolso do agasalho.

Aguardavam.

O aço incomodava dentro dos blusões jeans. Começou a cair uma garoa finíssima. O vento esfriou. O visitante deixou meio copo de cerveja. Examinou as cercanias, foi se afastando com passos cautelosos na direção oposta à da rodoviária. Três quarteirões adiante havia hotéis decentes, para viajantes cansados.

Tensos, fulminavam-no com dois pares de olhares.

Afastava-se, costas ligeiramente curvas. Por fim, dobrou a primeira esquina e desapareceu. Como se nunca tivesse existido.

- Vamos – comandou o ruivo.

Elétricos, levantaram. Naquele momento, uma coruja sobrevoou o quarteirão e piou. Em instantes, um tiro e um grito estilhaçariam o silêncio nervoso da rua.

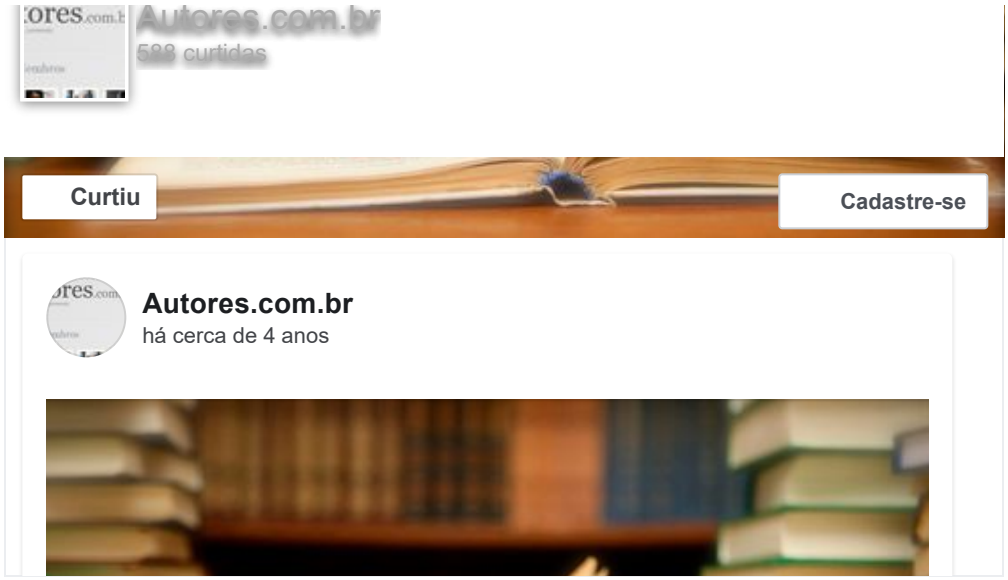
Curtir 0 Compartilhar 0 Salvar

Anterior Próximo

Atualizado em: Seg 30 Jul 2018

Deixe seu comentário
É preciso estar "logado".

AUTORES.COM.BR



Autores.com.br
Curitiba - PR

webmaster@number1.com.br

AUTORES.COM.BR

WhatsApp (41) 99115-5222

desenvolvido por number1.com.br